



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 166
PREÇO 1506

O NOSSO LIVRO

COMO já foi aqui dito, quem anda a respigar a matéria do livro, é um Professor do Porto, que teria capelo se fôsse de Coimbra.

Ontem estive em casa d'ele. Estava em exames. Falou-me a esposa, que também é formada. Eu ia lembrar que suspendessem os trabalhos até passar a época dos exames e ela disse que não. Entregou-me os dois primeiros anos da colecção do Gaiato devidamente assinalados, e que iam continuar. Eu agradei o serviço e tornei a insistir pela pausa. Está enganado, diz ela. Este é o nosso melhor recreio. Nós choramos e rimos, à maneira que prossequimos na escolha dos casos.

Está o reclame feito. Fala um lar cristão, aonde há intelligencia, coração e filhos: Nós choramos e rimos. Mais. Os casos de que o livro fala, já passaram. São d'ontem, mas hoje, fazem rir e chorar. É que são feitos de vida! A vida é mesmo aquilo: rir e chorar. A vida não é perfume; é sangue.

Mas ele há mais. Há mais valores no futuro livro. São os rapazes da tipografia. São as canseiras do Júlio. É o entusiasmo de todos. O livro, afinal, é todo e somente feito por eles. Rir e chorar.

O Júlio anda cheinho de contas e de calculos e de projectos. Ele senta-se à mesa de jantar e fala no livro. Ele nos recreios não tem outra conversa. Ele vai ao Porto e palpa mercados e preços; está determinado em não se deixar comer. O Júlio é o livro e este é o Júlio. Vamos a ver.

CARTA PARA O BRASIL

NÃO sei se os leitores se recordam da lamúria feita aqui, por um cambista do Porto me ter dado 4 notas de mil escudos por cinco ditas de mil cruzeiros; não sei se se lembram d'isso. Pois bem. Dias depois, recebi carta de um leitor a lastimar e a oferecer os seus serviços, em casos futuros. Calhou bem. Acabava precisamente de receber mil cruzeiros de um Carioca que nos visitou. Tomei eles e fui por aí abaixo, ao encontro do amigo da nossa obra. Ele queria-me libertar das negras peias do cambio. Do seu escritório telefonou. As coisas estavam feias. Davam oito tostões por cada cruzeiro. Tenta outra casa de cambios e obtem a mesma resposta: oito tostões. Começa o meu amigo a impacientar-se e eu a reanimá-lo. Tinha pena; estava sentindo as suas dores. Nisto, levanta-se da cadeira e pede-me que o siga. Atravessamos a Praça e entramos na rua das Flores. Há uma casa de cambios mesmo à esquina. Dentro muita gente. Entramos. Sim senhor. Negócio limpo. Negócio muito limpo. Nada negro. Ela por ela. Portugal e Brasil de mãos dadas.

Sabendo-se, como agora ficamos a saber, que na rua das Flores

existe uma casa de cambios capas de distinguir, podem explicar-se os brasileiros ou portugueses residentes no Brasil, que tantos cruzeiros lá, quantos escudos aqui. É na rua das Flores. É à esquina. Diz por fora cambista. Não foi d'estes que Jesus de Nazaré expulsou do Templo! E' o primeiro que eu encontro! Deus o ajude.

Perguntei ao Avelino e soube que passa de dois mil o numero de assinantes em terras de Santa Cruz.

Dois mil assinantes, quer dizer dez mil leitores ou mais. E' muita gente. Entre tantos, há-de necessariamente haver algum que encontre a sua hora na leitura do jornal. A sua hora! Pois que a não perca. Mande por alguém. O cambio da rua das Flores é branco.

Não é que no Brasil não haja necessidade de acudir à creança desajustada. Não é que no Brasil não hajam obras semelhantes à nossa. Eu vi lá d'elas. Eu ouvi a um Magistrado que no Rio andam pelas ruas 80.000 creanças e computa-se o mesmo numero em S. Paulo. Há sim, muita necessidade de acudir aos perdidos e de

(Continua na 3.ª página)

NOTA DA QUINZENA

ERA de manhã. Eu ia tomar o rápido em S. Bento, para Lisboa. Na rua de Santa Catarina, um rapaz desgrenhado e mal vestido, catava de comer num caixote de lixo. Parei a distancia. Ele tinha encontrado cerejas e restos de bananas. Cerejas era sobretudo o que ele mais procurava e mais sofregamente comia. Aproximei-me. O rapaz levanta-se. Tera uns 15 ou 16 anos. Pedi-lhe que deitasse fora tudo quanto tinha nos bolsos de um casaco arremetido e ele, humildemente e prontamente, vai deixando cair no chão mãos cheias de cerejas. Cerejas podres e sujas. Mais felizes são os passarinhos da nossa aldeia, que as depenicam em primeira mão!

O rapaz fitava-me sem medo. Sabia o meu nome. Chama por ele, para me pedir uma coisa: Deixe

me ir prá Casa do Gaiato.

Dei-lhe o preciso para ele ir ao Bolhão comprar cerejas e desandei rua abaixo. Ao virar a esquina encontro-me rodeado de rapazes da mesma laia! Dir-se-ia que estavam à cóca. Todos faziam o mesmo pedido: Deixe-me ir prá Casa do Gaiato. Não os deixei em vão. Passava na maré uma padeira de canastra à cabeça. Pergunto se vende pão. Que sim. Ela pousa e eu mando contar a cada um dois. Era mulher de meia idade, mãe de filhos, talvez...

Até aqui nada de novo; trata-se de um pequeno negocio como outro qualquer. Comprar e pagar e arrumou. Mas há algo de sublime que eu tenho de dar a lume, para sublimar cada vez mais as páginas do Famoso. Ontem um senhor Doutor esborrachou-me numa carta: O seu jornal é feito num portu-

guês do interior do Bié. Veio muito a tempo esta esborrachadela, que eu andava com umas funaçõzinhas interiores de jornalista... Muito a tempo. Porém, olhem todos para o que o jornal diz e nao como ele o diz. A padeira toma o dinheiro, conta e declara que tem de fazer um desconto; fica assim; tome lá: Sabemos qual é o ordenado e as duras condições em que estas mulheres do Porto fazem entrega do pão. Tenho visto muitas delas negar um pão aos filhos que as acompanham por não terem dinheiro com que o pague; e esta heroína quer fazer um desconto: Tome. Fica assim. Com certeza é mãe de filhos!

Seja este o primeiro ponto de meditação da nota de hoje.

E' para as senhoras de tacões. Que elas saibam humilhar-se diante de tanta grandezza.

Seja o segundo ponto a nossa indiferença por estes casos anormais. Era num ponto onde a rua Firmeza atravessa a de Santa Catarina.

Hora cheia.
Concurso de gente. Ninguém dá fé. E se dá, não faz caso! E' a doença. A doença nacional. No seio de um povo verdadeiramente cristão, isto teria sido o caso do dia. Todos naturalmente trabalhariam para que este e outros rapazes comessem à mesa. Mas parece que a nossa gente, à força de querer ser um povo católico, esquece-se da obra do Redentor! Ninguém dá fé. Ninguém faz caso.

Seja o terceiro a sorte e condição d'aquela rapaz. O à vontade com que eu o vi debruçado sobre despojos e a comer d'eles, signi-

(CONTINUA NA 3.ª PÁGINA)

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR

FERNANDO CID

1 Já se estão fazendo os preparativos para a nossa festa de S. Pedro. Como todos os anos também já os nossos rapazes carpinteiros que são o Vieira, o Ferramenta, o Caçoila, e o Joaquim andam a fazer a cascata que é muito grande e bonita. Até vai levar um lago com um repuxo a deitar água.

2 Ultimamente as nossas vacas já tiveram duas crias muito bonitas e muito gordas. A que nasceu primeiro já não mamava e o Bento é que a pensava. Mas um dia destes esqueceu-se de lhe dar de comer e o toirito adoeceu. Ora a mais pequena das crias é uma vitela muito bonita. E' do Sérgio. Ele anda sempre a vê-la mamar.

3 Também o mês passado nasceu mais uma ninhada de porquitos eles eram oito mas o Melgaço que é da erva disse que já tinham morrido dois.

E' a primeira ninhada que aquela porca tem. E os rapazes tratam cada um do seu e dizem prá gente: é pá olha que este é meu.

4 A maior notícia que eu hoje dou ós senhores é que, nós nunca cá tivemos um ano em que a gente comesse tantas ameixas. Já apanhamos uma dúzia de fartadelas e ainda temos muitas para apanhar. As nossas ameixeiras estão ainda carregadinhas delas a pontos de até nalgumas delas já se terem partido os canos de tão carregadas que estavam. Na nossa avenida temos muitas ameixeiras e de boa qualidade pois dão frutos muito vermelhinhos, e grandes que até parecem pêssegos. Elas são muito baixinhas mas os nossos rapazes passam por elas, olham e andam sempre.

Porque eles sabem que o Pai Américo não gosta que vão à fruta. Todos os dias o Sérgio que é o nosso maioral pega num cesto às costas mais outro rapaz e lá vão os dois colher ameixas prá nossa merenda.

Alguns vão colhê-las às árvores com ordem do Sérgio.

Viva ó Sérgio que é nosso amigo.

5 No domingo passado nós fomos tomar banho ó Rio Sousa que passa aqui perto. Foi a primeira vez que nós lá fomos este ano. Quando nós soubemos que se ia ó Rio tomar banho começamos todos a gritar de alegria pois gostamos muito de nadar. Eu quero dizer ós Senhores e ás Senhoras que nós vamos ó rio, mas não por necessidade, pois temos o nosso balneário onde todos os sábados tomamos banho geral.



A NOSSA TIPOGRAFIA

1 meia tabela de uma cristã. E uma na marca de Braga. E de algures 170\$00, de uns noivos que já casaram; cem escudos, a segunda prestação e setenta, é o primeiro abono de família de um filhinho! Isto vale mais do que todo o maquinismo. Nem as nossas máquinas valiam, se não dessem estas notícias. As demais tipografias são de ferro;

a nossa é de carne e sangue. E meia dose de Anha. E 100\$00 do Lobito. E Ermexinde na marca de mais um ser que está prestes a vir ao mundo. Já veio. Tenho aqui a notícia a dizer que a hora foi feliz. Gaia com 200\$00. E o assinante 15545 com 100\$00. E a 2.ª prestação de Lisboa. E 100\$00 de ninguém. Mais 100\$. Ainda não parou. Fica nos 156 contos, numero rendondo.



DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais de Abrantes.

Sou uma humilde assinante do jornal «O Gaiato» e costumo lê-lo a pessoas a quem a sua leitura toque no coração; e uma dessas ouvintes entusiasmada entregou-me 170\$00 para enviar à Casa do Gaiato. Esta importância é o produto do seu primeiro ordenado;

Mais um rapaz católico de 21 anos.

Vão junto a esta 300\$00 retirados do meu ordenado, para cumprir promessa feita.

Foi providencialmente que encontrei colocação, mesmo antes de terminar os estudos, e quero agradecer também desta forma a Deus o favor que me concedeu. A J. O. C. e a Conferência de S. Vicente de Paulo foram também beneficiados com igual quantia cada uma.

A constituição de um lar cristão é um difícil problema que tento solucionar; encontrar esta coisa rara: uma rapariga. «Raparigas» há muitas.

Mais 240\$00 de Lourenço Marques por intermédio de o Guardian. Mais 500\$00 do Rio de Janeiro para os Pobres do Barredo; e de outras partes, outras importancias. Estas respostas sublimes, obrigam a gente a ir até ao derradeiro fio da vida. Mais:

Eu queria um «GAIATO» maior para me entreter os domingos, dias dantes tão agradáveis para mim, agora tão dolorosos e difíceis de passar.

6 Veio cá jogar ao nosso campo ultimamente um grupo de Futebol dos arredores do Porto que trazia uma grande taça para quem ganhasse o desafio. Nós perdemos por 3-2 com o grupo visitante que era muito forte pois os seus jogadores eram quase todos filiados noutros grupos. Mas isto veio a propósito para dizer ós Senhores que o meu antigo colega do jornal que era o Alfredo o nosso «Crónista da Aldeia» e que presentemente se encontra a trabalhar num emprego no Porto, fez cá muita falta ao nosso grupo de Futebol pois era, o melhor guarda-redes.

7 Também já começaram os trabalhos da nova avenida para a nossa Aldeia que vai ficar muito boa e também muito larga. Assim com estes melhoramentos já os nossos visitantes podem vir depois à nossa aldeia sem correrem o perigo de se enganarem no caminho de esmurrar o seu automóvel ou os auto-carros grandes em que costumam vir e que dificilmente passam numa ponte que aqui há muito estreita. Como o caminho está mau por causa das chuvas que caíram há tempos o Sejaquim Séguinho com os nossos batatas têm andado a consertá-lo.

NOTÍCIAS DE LISBOA

DE

CARLOS ALBERTO

1 Nunca tivemos tantos visitantes como aqui há quinze dias. eram quatro camionetes de Noelistas, quase duzentas! Tiveram de dividir-se em desasseis grupos, cabendo a cada um deles um cicerone, para que desta forma pudessem apreciar melhor a nossa «OBRA». A Chefe do Grupo já conhecia a fundo a nossa vida, porque também tem uma Casa de rapazes em Lisboa, que é a Casa do Ardina.

Trouxeram-nos muitas lembranças que deram aos cicerones e deixaram-nos muitas outras coisas de valor. Brincaram muito connosco com muita seriedade, enfim, era como se fossemos todos irmãos.

2 Eu tenho vendido o Jornal em alguns sítios de Lisboa e nunca encontrei uma casa como a dos Serviços Sociais Médicos onde me trataram sempre bem desde o primeiro ao ultimo dia que lá entrei. E tanto como na venda do Jornal como na boa vontade de ajudarem a aumentar o número dos meus fregueses.

Foi assim que, logo à primeira vez, se venderam quase cem jornais.

Quando acabo de vender, eu fico sempre satisfeito com o resultado obtido, e dizem-me que vá lá todos os dias. Pois estou muito contente com esta casa que se interessa pela «OBRA DA RUA» e era bom que muitos outros escritórios seguissem este GRANDE exemplo.

3 Desta vez tivemos um bom ano agrícola. O trigo sempre muito bonito vai dar grande quantidade para o nosso pão de cada dia para nos alimentar quatro vezes ao dia. Andamos agora a ceifá-lo. Já é o Coroa que amassa, e como ele é fraco é um homem que mete ao forno. Já foi dispensado o mestre padeiro.

O feijão verde, muito saboroso, que sobeja dos gastos vai para a praça. Já rendeu um conto, mas ainda há mais. O milho com chuvita está bonito a não poder ser mais.

Dentre as batatas, também muito bonitas havia algumas que pesavam quase um quilo. Sabem muito bem quando as comemos acompanhadas do nosso azeite e uma posta de bacalhau.

É com estes produtos e outros que nós andamos gordos e com força para fazermos as nossas obrigações todos os dias a ver se nos fazemos uns homens para ganharmos a vida que nos espera.

4 Entrou mais um rapaz de Lisboa, que se alimentava de espinhas e de cabeças de peixe que encontrava nos caixotes das portas de Lisboa. Estava junto com pessoas tu-

NOTA DA QUINZENA

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.

fica que ele nunca teve mesa posta nem cama feita. Significa que ele não sabe nem compreende a sua altíssima dignidade de homem. Significa que ele é sujeito imediato e eficaz de todas as doutrinas e de todas as perversões.

Ele tem 16 anos de idade, a altura das impressões. Cresce e medra com as que hoje recebe. Declarando ele amanhã, que teve por mestre e por guia e por alimento o lixo de um caixote, -quem lhe pode pedir contas se ele houver de as prestar, -quem?!

CARTA PARA O BRASIL

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.

fundar obras para eles. Mas existe simultaneamente uma desgraça; o dinheiro. No Brasil há muito dinheiro. Por mais paradoxal que nos pareça, a superabundância de capitais é causa impediante. Não sustentam as casas fundadas. Não abrem mais recolhimentos. Andam pelos caminhos milhares e milhares e milhares de futuros criminosos! E' o dinheiro.

Não qualquer dinheiro. Não quaisquer riquezas. As Confrarias. As Irmandades: Dinheiros que pingam dos telhados de igrejas — mas que não são de maneira nenhuma a Igreja. Eis a causa impediante; a morte das obras cristãs. Este dinheiro tolhe.

NOTÍCIAS DE LISBOA

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PAGINA

berculosas, numa das muitas barracas que existem na capital. Esta família sustentava-se com o dinheiro que uma rapariga ganhava do seu trabalho, três vezes por semana. E foi ela que um dia apareceu com o rapazito, a bater à nossa porta.

O rapaz cá está para nunca mais comer espinhas de caixotes. É bom que todos olhem para estes casos para ajudarem mais a OBRA DA RUA.

A TIPOGRAFIA VISTA POR DENTRO

DE JÚLIO MENDES

ENQUANTO a procissão percorre o seu caminho, desejo falar aqui, à beira dela, das vidas e dos factos, que marcam a finalidade, tão útil quão imprescindível, porque ela saiu e está marchando, embora nas suas passadas características, até recolher. Jamais houve procissão em que os actos de fé sejam tão reais e com um significado tão prático e valioso, que coadunasse o material com o sobrenatural. Mas nunca é demasiado cantar hinos de louvor a essa manifestação espiritual que tem sido inigualável! E, por isso, fugi do título que encima o que me propus alinhar, não dando por desnecessárias as palavras e o tempo que nelas perdi.

Já lá vão passados um tor de meses, que as nossas oficinas gráficas iniciaram as suas funções. E eis com uma dívida temível, apenas com plena confiança em Deus e nos nossos caros leitores, deu entrada na nossa Aldeia a complexa maquinaria tipográfica. Aos poucos e poucos e neste caso o tempo é mestre, vão-se adextrando os nossos rapazes, finalidade primeira da Tipografia, nesta arte tão apaixonante, que tem revolucionado o mundo moderno! E eles já se revelam. Sentem-se felizes, porque não há maior felicidade humana quando se nos proporciona possibilidades, para poder triunfar na vida honestamente. Já são dez os que gozam deste benefício. Mais gozarão. Todos se vão competendo dos seus deveres, na medida do possível, conforme a sua idade e temperamento.

Como, certamente, muitos e muitos dos que me escutam já sabem, a nossa Tipografia está dividida em duas secções, ambas distintas, mas separadas: Impressão e Composição. A primeira fica no rés do chão do prédio. Neste compartimento salta aos olhos dos que nos visitam, pela primeira vez, o empório da Planeta, que ocupa quasi completamente, a parte lateral esquerda. Ao lado, as pequenas minervas. Mais baixas e menos opulentas, como que atemorizadas pelo galanteio da irmã mais forte. Dois motores potentes, vomitam zumbidos ensurdecedores extinguindo o silêncio da natureza, neste recanto da Aldeia, (ia a dizer mais formosa...), das mais formosas do nosso Portugal. Pois é, evidentemente, na secção de impressão, que se remata o que no andar de cima, os pequenos compositores remendam.

A secção de composição é, de facto, sem menosprezar a dos maquinismos, aquela em que além do ar grave que nos patenteia, nos faz admirar aquela meia dúzia de rapazes, de palmo e meio, alguns ainda a desabrocharem, como soi dizer-se,

precisando por vezes de *peanha*, para se debruçarem sobre o *cavalete* afim de comporem, em caracteres da arte do famoso Guttemberg, as *chapas* a que os nossos impressores dão realidade sobre o papel. É um espectáculo raras vezes existente por aí além. Tipografia de rapazes, para rapazes e... ainda parcialmente pelos rapazes. A composição, está naturalmente em local bem apropriado. Muito ar. Muita luz. Muito sol, tonificador e acariciador em dias frígidos.

Falou-se em máquinas, em rapazes-operários, mas falta falar em trabalho. Trabalhos de tipografia. Sim, não poderia falhar. Sem eles, os nossos gaiatos permaneceriam estáticos e as máquinas inactivas.



Dois compositores em cheio. O de costas é das Escadas dos Guindais. Veio em pequenino. Não sabe da família.

O de cara é o Manuel Pinto. Não tem família. Não saber e não a ter, vem tudo a dar no mesmo. Hoje são da Casa do Gaiato.

lho. Tem vindo como Deus quer e Ele nunca faltará. Temos cumprido tecnicamente? Os beneficiários é que o sabem. Alguns dão largas de contentamento, pelas nossas possibilidades. Tudo temos à nossa mão. Tudo se pode executar. É jornal, livros, trabalhos comerciais, enfim tudo, tudo. E tudo se tem feito e se fará, cada vez com mais brio e vontade de acertar. Excepto obra de livro, pois vamos iniciar a carreira, com uma colectanea do "ISTO É A CASA DO GAIATO". Publicação que será indispensável, em todos os lares amigos da Obra da Rua. O livro «ISTO É A CASA DO GAIATO» será um livro género *pocket book* e marcará mais um passo na história da já histórica Casa do Gaiato. Ele agrada plenamente. Só para que ele agrade, basta a doutrina que o compõe: *O Isto é a Casa do Gaiato*. Artigos inigualáveis. Pela sua naturalidade. Pela sua simplicidade. E julgo, não haverá um único lar uma única pessoa, entusiasmada pelas histórias reais dos artigos da 4.ª página do nosso FAMOSO, que não o encomende, já hoje, na volta do correio, à nossa Tipografia. E, brevemente, a grande Planeta devorará, completamente, o papel e acabará o primeiro livro, *composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato!*

NOTÍCIAS DE MIRANDA

De José Maria Saraiva

IVEMOS no passado domingo a simpática visita dum turma de alunos do 5.º ano do liceu D. João III. Eram acompanhados pela Ex.ª Senhora D. Maria Efigénia Cardoso, Dig.ª professora de inglês do mesmo liceu, a qual não se poupou a esforços e entusiasmos para organizar o passeio; todos nós lhe estamos gratos e retribuimos em amizade. A visita destes rapazes estudantes, a maior parte da nossa idade, trouxe-nos momentos de grande alegria, mostrou-nos sobretudo, que somos todos da mesma família—grande família de Deus. Se ontem eramos o rapaz da rua de quem todos fugiam, hoje conscientes da nossa dignidade, sabemos que um futuro de responsabilidades nos espera e de mãos dadas com esses que estudam, Deus e a Pátria podem contar connosco. Os simpáticos visitantes chegaram pelas 13,30 horas dirigiram-se ao nosso refeitório onde confraternizámos e entregaram o seu donativo para a «Obra». Em seguida iniciou-se um desafio de futebol tendo alinhado os grupos da seguinte maneira: gaiatos: Zé Eduardo, Zé Carlos e Inácio, Zé Maria, Ernesto e Afonso; Monarca, Gil, Zé Maria, Joaninha e Leiria. Os visitantes alinharam: Garcia, Eduardo e Nunes de Almeida, Júlio, Bingre e Vital; Porto, Carreira, Sílvio, Alirriça e Silva. O jogo principiou às 14,30 horas. Os simpáticos visitantes traziam uma bola nova para nos oferecer. A senhora D. Efigénia dá o pontapé inicial. O árbitro apita para o começo da partida. O nosso avançado-centro dá a bola a Gil este a Joaninha e a defesa adversária tem que entrar em acção. A bola está nos pés de Sílvio que remata e José Carlos com um golpe de rasteiro atira a bola para fora. É marcado o primeiro livre de canto. Sílvio aponta e Zé Eduardo defende para canto. A bola cai sobre a baliza e Sílvio numa grande confusão marca a primeira bola, ficando os visitantes a vencer por 1-0. Não tarda a resposta e os nossos jogadores vêm ao ataque. E aos 25 minutos José Maria põe os grupos em igualdade com um remate fortíssimo. Até à segunda parte houve jogadas sem interesse, num e noutro grupo. A segunda parte deste desafio foi sem interesse. Aos 37 minutos da segunda parte José Maria, depois de ter passado a defesa toda, marcou a segunda bola em que ficamos a vencer por 2-1.

Sílvio aponta, a bola faz tabela no poste direito e entra para dentro das balizas, fazendo assim o resultado final de 2-2. E nesta altura o árbitro dá por terminado o desafio. Os melhores jogadores em campo foram os dois avançados centro, José Maria e Sílvio. Quando terminou o desafio os nossos amigos ofereceram-nos uma bola nova uma taça e um ramo de flores.

Que ninguém falte à chamada. Que todos respondam *sim*, porque ela está para breve. E, como dizia, por uma carta ou ainda melhor, num simples postal, marque um *sim*, mande-me um, dois, três livros, etc. E desta maneira, encarregar-nos-emos de o fazer chegar às vossas mãos... quando ele nascer!

ISTO É A CASA DO GAIATO

NÓS temos actualmente dois rapazes no Sanatório; um pequenino, o que pedia caixotas ao *Avelino*. Outro espigado; foi às sortes e ficou livre. É deste que vou falar.

O rapaz foi duas vezes engeitado. A primeira, pela sua família. A segunda, pela letra de um asilo aonde esteve. A letra mata.

Costumava ir visitá-lo e levava, até, alguns rapazes, mas tinhamos de pagar três coroas cada um, e eu abrandei. Ia raras vezes. Agora já assim não é. O porteiro deixa entrar.

Ontem foi o dia em que ali estive. O rapaz fala imediatamente da nossa aldeia: *estou sempre a pensar na nossa aldeia*. Ele escreve e foi-me buscar respostas de cartas de alguns; com que carinho não guarda ele as suas cartas! Elas são páginas da nossa vida!

De regresso a casa, dentro do *Morris*, dei-me a gratas e succulentas considerações.

Qualquer doença faz o homem triste. Se é um rapaz, ainda mais. Este seria, além de infeliz, um desgraçado. Um miserável. Sem família, sem abrigo. Sem alguém que pense n'ele, e, o que é muito pior, não ter ele em quem pensar! Seria um mancebo dos caminhos, envelhecido por padecimentos que não merece. Quantos peregrinos assim, quantos!

Mas não. Nós somos algo de sério e de sólido. A Casa do Gaiato, responde a estes casos humanos. Por uma intuição divina, nos amamos até ao fim. O nosso doente do Sanatório tem alegria. Anseia a hora de se juntar aos irmãos. As cartas que eles se escrevem, dão testemunho.

Mais. Nós estamos providos com oficinas e escritórios e varias ocupações, aonde o rapaz pode escolher a que mais lhe convier—para continuar a ser feliz.

O *Morris* galgava. Já se viam ao longe as primeiras casas da nossa aldeia, e eu ainda ia a sonhar.

Estou sempre a pensar na nossa aldeia. Pois se na verdade existe no mundo uma obra social que ocupa o pensamento e torna feliz um rapaz que d'ela precisa—essa obra tem necessariamente de progredir—ou Deus não existe!

ONTEM fui ao Porto aviar recados, entre eles uns oculos.

Entre casualmente em um oculista. Oculista Rocha. O dono atende-me e pede se eu podia fazer o obsequio de ser o portador de uma encomenda para o Faisca e sem esperar por resposta, faz-me entrega de um envelope, que dizia por fora—*Faisca c/ da Casa do Gaiato*. Abri. Eram uns oculos! Foi então que eu soube. *Faisca* é ali muito conhecido e quasi sempre aparece com incumbencias. Estranhei. Aqui em casa só eu é que uso oculos. Chegado que fui, mandei chamar o rapaz. São meus fregueses; eu vendo lá todas as quinzenas.

Os oculos são dele. São oculos de vidraça. Aqui há tempos, Faisca entrega uns para pôr uma haste e o senhor Rocha diz que dissera assim: *que pena não ter as duas hastes partidas, para eu por duas hastes*.

Isto me disse o Faisca. Isto é o cumulo! Acima d'isto não há mais nada! Não sei se o senhor Rocha é natural do Porto; mas é estabelecido no Porto. O Terreiro do Paço tem de se mudar para o Porto.

A eu precisamente tomar o meu café, quando chega uma deputação dos do campo, que fosse ver as batatas. Larguei tudo e fui: Eram dois grandes gigos d'elas. São do nosso quintal.

A noite, os cozinheiros deram a cada rapaz um prato de batatas cozidas com sal e azeite e vinagre. Eles comem batatas quando calha, sim, mas como aquelas; batatas como as do quintal d'elles, isso nunca houve nem jamais houvera: São do nosso quintal.

Esteve aqui há dias um estrangeiro em visita de estudo; andou um dia inteiro com o *Xanxaxé* e ficou para o seguinte. *Com os milhões que nós gastamos em obras destas, não damos aos rapazes um dia da satisfação que nasce destes!*

Notava-se no rosto limpido do cavalheiro a sua grande humilhação. A simplicidade; a naturalidade das coisas esmagava-o. *Gastamos tanto dinheiro em brinquedos e os rapazes nem sequer para eles olham, de tristes*. E detem-se a olhar de como aqui na aldeia de qualquer caixa se faz um brinquedo.

Temos alguns tão caros e preciosos, que os rapazes não têm ordem de lhes mexer, para não sujar.

Os nossos, aqui em casa, sujam-se sim, mas a água lava e nós temos um balneario com 24 cabinets. Sujam-se e lavam-se. Foi assim com as batatas. Quanto mais não vale a alegria de as comer! *Comer aquelas; são do nosso quintal*. E a alegria de as semente e regar e colher!

FOI o Norberto; ele é que tem culpa do que ora se está passando no refeitório dos grandes, aonde eu também como. Lembram-se de eu aqui dizer de como o rapaz foi buscar um pintainho e o colocou no refeitório e a galinha deu pela falta e mal o ouve chorar entra no refeitório com mais catorze atrás de si; e todos começaram a limpar as migalhas. Era justamente isso que o rapaz queria. Pois os pintainhos ficaram afeitos. Deram em crescer, hoje são quasi frangos e nunca mais deixaram de limpar migalhas.

Toca a sineta e eles entram pelo refeitório dentro, mais os rapazes. Eu tambem entro. Mais parece capoeira do que refeitório! Foi o Norberto; ele é que tem a culpa.

ONTEM à noite veio o Faisca ao tribunal, acusado de ter ido ao refeitório dos grandes e roubado a semente ó Jacinto. Perguntado, disse que era mentira; *foi mas é o Recio*.

E d'aqui não saiu: *foi o Recio*. Mandou-se chamar o Recio; ele disse que tinha sido o Botas. Botas

não compareceu. Não foi chamado, com medo de outros reus; e suspendeu-se a audiencia. Jacinto que tome mais cautela. Quando se trata de pão, é mui difficil saber-se quem tem a razão.

AO perguntar ontem ao Norberto por um determinado rapaz, ele respondeu—*foi ós morcegos*.

Morcegos? Hom' essa! Quis saber. Isto é tamanho e tão complexo, que eu, vivendo no meio d'elles, não sei metade do que entre eles se passa! Ora vamos ao caso. O António d'Arouca tinha ido efectivamente aos morcegos e tanto assim, que d'aí a nada, chegava com dois d'elles. Os morcegos são para dois milhafres, que eles apanharam no tempo dos ninhos, e estão a creá-los. Não sabia. Fui ver. Estavam os dois bichos ao pé da casota do *Marão*. O António d'Arouca, todos os dias anda às cobras e às sardaniscas e ós ratos e ós morcegos. As duas aves de rapina têm, assim, quantidade e variedade. Isto é a Casa do Gaiato.

OUTRO dia, um senhor encontra-me no Porto e abraça-me.

Eu não o conhecia. Eu não o conheço. Ele abraça-me segunda vez, sem nada dizer. Que será isto, pensava eu dentro de mim? Que terá este Desconhecido?! Ele vai dizê-lo:

V. dá de vez em quando um cigarro aos seus rapazes.

E' o jornal. E' o Gaiato; o *Desordeiro*, como alguém já lhe chamou. E são as *almas*. Dizem que o tabaco tem nicotina e que esta é um veneno; que importa. Mais forte é o amor! Este Desconhecido quer amar.

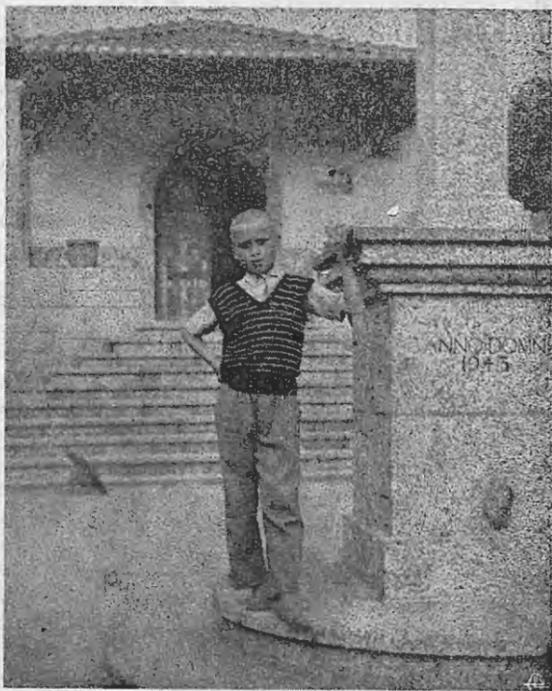
OMARTINS foi hoje ao Porto com o Zé da Covilhã, ao

Doutor João Gaspar, do arranha-céus. Ele já antes me dissera de alguém de uma Farmácia, que lhe prometera todos os medicamentos de consumo da nossa aldeia. E que levasse a lista sempre que fosse à cidade. Temos casos semelhantes; a Casa Tinoco nunca nos deixou comprar nada para a nossa barbearia. Porém medicamentos é coisa mais séria. Nós temos meses de mais de um conto.

Martins, antes de sair, faz a lista e mostra-ma; *vou trazer isto. E' na rua de Santa Catarina. E' uma senhora. Ela é Beatris*.

Chegou a casa à tardinha com tudo aviado! Medicamentos!

O Mundo quer necessariamente amar. Eu não conheço ninguém. Eu não agradeço a ninguém. Não tenho cartões nem retratos. São eles. São os Engeitados, mai-lo teu coração!



VEM aqui novamente o Faisca. Em primeiro lugar, para dar satisfação aos seus muitos amigos do Porto, aonde ele tem conquistado popularidade com a venda do jornal. Em segundo lugar, por amor do visitante que lhe tirou o retrato; há-de ficar contente ao vê-lo agora nos páginas do *Famoso*.

Finalmente, aproveita-se a ocasião para dar a noticia de uma grande trapalhada que ele, o Faisca, arranhou aqui com os oculos que trouxe do Porto. Os oculos não eram d'ele, eram do Machado. Soube-se a verdade toda pelo Moléstia. Afinal não chegou ainda a ocasião ao Moléstia de mudar para Martins, que é o seu verdadeiro nome. Os rapazes continuam com Moléstia. Pois Moléstia, que foi ontem dar uma injeção a um doente, por amor de Deus, quis ir de oculos e pedi-os emprestados. Pediu ao verdadeiro dono. Machado emprestou de boamente e vai o Moléstia e quebrou-os! Ai vem uma comissão escadas acima com a noticia e a queixa e os oculos ós bocados. Machado faz acusação cerrada ó Moléstia. Eu disse que os oculos eram do Faisca; e foi aqui aonde eu fiquei sabendo quem é o dono real dos oculos. Faisca tinha-me enganado.

Esta trapalhada, natural e inevitável, não rouba a formosura de um pequenino enfermeiro que vai caminho em fóra, munido dos precisos para curar um doente. Tal doente, que já teria morrido à mingua, se não fóra o cuidado do pequenino enfermeiro!

Há dias tive de ir à Tutoria do Porto, de onde acode um pequenino a olhar-me e a rir-se de contente: *eu sou primo do Moléstia*. De onde se vê que um e outro eram creanças dos caminhos. Tomemos conta das creanças dos caminhos; particularmente e principalmente d'estas. Elas são valores.

Podemos encontrar uma, de quem se possa fazer um enfermeiro que vá cuidar de um doente a domicilio, por amor de Deus. Aonde se viu tal? Quem há ai hoje que levante uma palheira do chão por amor de Deus,—quem?

Ele era dos caminhos!